



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
CURSO DE LETRAS**



## **O INFERNO SÃO OS OUTROS: RELAÇÃO ENTRE ALTERIDADE E O DIABO NA LITERATURA<sup>1</sup>**

**Orientando: FABIANNA SIMÃO BELLIZZI CARNEIRO<sup>2</sup>**

**Orientador: ALEXANDER MEIRELES DA SILVA<sup>3</sup>**

**Unidade acadêmica: UFG – CAMPUS CATALÃO**

**E-mail orientando: [fabiana\\_bellizzi@yahoo.com.br](mailto:fabiana_bellizzi@yahoo.com.br)**

**E-mail orientador: [prof.alexms@gmail.com](mailto:prof.alexms@gmail.com)**

**Palavras-chave: LITERATURA COMPARADA – DIABO – ALTERIDADE**

---

<sup>1</sup> Revisado pelo orientador.

<sup>2</sup> Licencianda do curso de Letras do CAC/UFG e pesquisadora do Programa de Iniciação Científica – PIBIC. Matrícula: 074115.

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Departamento de Letras do CAC/UFG e orientador do projeto “O que o monstro mostra: debatendo a alteridade na literatura fantástica.” (SAP: 34150).

## INTRODUÇÃO

A demonização de culturas, países e pessoas diferentes do padrão branco cristão promovido pela mídia e por governos ocidentais observado neste início de século XXI segue o mesmo padrão observado na Idade Média, quando o preconceito era articulado a partir da imagem do Diabo. Diante deste cenário algumas perguntas surgem: de que forma o Diabo na Literatura reflete o discurso ideológico contra grupos baseados no estereótipo, no etnocentrismo, na idéia de nacionalidade, na xenofobia, na misoginia, na homofobia, no racismo e no preconceito? Qual é a amplitude deste discurso dentro do contexto literário pós-moderno?

Se hoje a indústria de massa é muitas vezes responsável pela propaganda contra este Diabo através de filmes, livros e outros produtos culturais, na Idade Média este papel era desempenhado pela Igreja Católica através da influência do cristianismo sobre as narrativas populares que deram origem ao conto de fada (SILVA, 2005, p. 1). Como o projeto pôde demonstrar por meio do suporte crítico de pesquisadores como Marina Warner, Maria Tatar e Nelly Novaes Coelho e Robert Muchembled, o discurso cristão contribuiu para a instituição da figura de Satanás presente nesta forma literária por meio de diferentes personagens como a bruxa, o lobo e o ogro, dentre outros.

Uma vez estabelecido como a expressão máxima do Outro, o Diabo passou a chamar a atenção de artistas europeus, principalmente ingleses, franceses e alemães, que o usaram como um veículo das ideias, temores e angústias de suas épocas. Neste aspecto, a pesquisa mostrou que em fins do século XVI e início do século XVII, como aponta Aimara da Cunha Resende em “Shakespeare e a cultura popular” (2008), Christopher Marlowe e William Shakespeare usaram o Diabo como base para a representação estereotipada dos Judeus em *A história trágica do Doutor Fausto* (1604) e *O mercador de Veneza* (1597) e dos nativos do Novo Mundo em *A tempestade* (1611).

No fim do século XVIII a reação ao pensamento artístico neoclássico deu forma ao Romance Gótico fazendo do Diabo um sedutor maléfico. Na França, Jacques Cazotte publica *O Diabo apaixonado* (1772) enquanto que, na Inglaterra, M. G. Lewis lança seu *The Monk* (1796). Através do trabalho crítico sobre o Gótico de Fred Botting, Maggie Kilgour e Marie Mulvey-Roberts, o estudo investigou, neste ponto, a ligação do feminino com o Satanismo, conforme estabelecido pelo Cristianismo desde os primórdios desta religião.

O século XIX viu a reabilitação do Diabo por meio da visão romântica de escritores da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos como Mary Shelley, Goethe, Edgar Allan Poe e Nathanael Hawthorne. Tanto na prosa quanto no Drama, como destaca Robert Muchembledem

*Uma história do Diabo* (2001) o diabo infernal perde a sua malignidade para se tornar um reflexo das limitações da condição humana. A pesquisa se interessou aqui pelo jogo especular entre o Diabo e o Homem em decorrência das profundas transformações da Revolução Americana, da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Esse jogo ganha força no fim do século XIX com o *zeitgeist* finissecular. Investigou-se, tendo este cenário, o efeito do Decadentismo na satanização do próprio homem, como apontado em obras como *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886), do escocês Robert Louis Stevenson e *O retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde.

Qual é a forma do Diabo no século XX? Em um século marcado pela ascensão de regimes totalitários e duas guerras mundiais, a pesquisa mostrou com o suporte crítico de Keith M. Booker, Robert S. Baker e Tom Moylan, que obras como *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley e *Mil novecentos e oitenta e quatro* (1949), de George Orwell demonstram que o demônio ganha forma na Literatura de Distopia por meio dos adversários da ideologia dominante.

E na Literatura Brasileira? Como esta figura segue ou se diferencia do papel a ela reservado em outras culturas? O que o Diabo na Literatura Brasileira canônica e popular tem para ensinar sobre alteridade neste início de século? Estas foram algumas das questões contempladas neste projeto tendo como análise obras baseadas na Literatura de cordel, como a peça *O auto da Compadecida* (1957), de Ariano Suassuna e romances como *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa.

## **OBJETIVOS**

A pesquisa apresentada teve como objetivo demonstrar como a representação literária do Diabo se coloca como uma máscara depreciativa de mulheres, judeus, negros, muçulmanos, imigrantes, homossexuais e outros grupos minoritários. Outro ponto contemplado é como o Diabo, enquanto símbolo de alteridade apresenta no meio literário brasileiro duas faces ligadas a tradição medieval: uma teológica e a outra popular. Enfoque especial foi dado a representação do Diabo na Literatura Fantástica. A pesquisa se interessou de forma especial na representação da alteridade no contexto das questões do mundo contemporâneo e, ciente do grande *corpus* que foi analisado, apresentou um consistente panorama dos objetivos propostos, lançando as bases para a continuidade de pesquisas posteriores sobre o tema em programas de Pós-Graduação.

## **METODOLOGIA**

A partir da definição das obras literárias analisadas como objeto de estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o processo de desenvolvimento das características do Diabo na literatura, desde o seu surgimento na Europa medieval até os dias de hoje nas literaturas europeias, norte-americana e brasileira. A partir deste ponto foi pesquisado como a personagem do Diabo nas literaturas supracitadas se coloca como um símbolo do Outro. Para isso foram utilizadas obras literárias de autores e pesquisadores de, entre outros, Ariano Suassuna, Câmara Cascudo, Christopher Marlowe, Goethe, João Guimarães Rosa, John Milton, Nathanael Hawthorne, William Shakespeare.

Este estudo teve seu suporte crítico alicerçado pelos trabalhos de Alberto Cousté, Câmara Cascudo, Carlos Roberto Nogueira, Fred Botting, Jean Delumeau, Keith M. Booker, Maggie Kilgour, Maria Tatar, Marina Warner, Nelly Novaes Coelho, Robert Muchembled e Tom Moylan.

## **RESULTADOS**

O tema do projeto permitiu que comunicações e artigos fossem produzidos contemplando eventos acadêmicos e periódicos, não apenas na área de Letras, mas também nas áreas de História e Ciências Sociais.

Iniciamos nossa pesquisa com o tema do hibridismo cultural e alteridade, através de uma leitura do filme *Avatar*. Escrevemos um artigo ainda no prelo para a Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio (Rio de Janeiro), onde foram problematizadas questões como choque de cultura, imposição cultural, ecologia, hibridismo cultural e alteridade.

Seguindo esta proposta interdisciplinar, foi feita uma apresentação de comunicação no X Simpósio de Pedagogia da UFG/CAC, cujo tema era Alteridade e demonolatria levantadas nos contos dos irmãos Grimm de 1815 “O Flautista de Hamelin” e “Rumpelstiltskin”, nos quais foi discutido que questões que problematizem o diferente, o *outro* podem e devem ser tratadas em sala de aula sob o viés da literatura.

Foi feita, também, uma incursão na área de Ciências Sociais no II Simpósio de Ciências Sociais da UFG/CAC, onde o tema da demonolatria ganhou uma roupagem mais contemporânea através da apresentação em comunicação cujo tema era: “O ciclo faustico e as representações do mal na contemporaneidade”, onde se discutiu o lugar do mal e de sua representação através da figura do Diabo. Neste trabalho foram mostrados temas bastante

pertinentes à nossa atualidade, como violência, individualismo e distanciamento cada vez maior de nossos semelhantes.

Estendemos nossa atuação a outras instituições de ensino superior com a apresentação em comunicação do trabalho: “As faces do diabo: o judeu e o muçulmano em *O mercador de Veneza* e *A tempestade*, de William Shakespeare”. A comunicação foi feita na Universidade Federal de Uberlândia no evento CENA II. Através de um diálogo entre História e Literatura, este artigo fez uma incursão crítica em duas obras do escritor inglês William Shakespeare, investigando como os fatos que aconteciam na época em relação a grupos marginais, tais como judeus e muçulmanos se refletiram na produção artística do dramaturgo.

Também marcamos presença na Universidade Estadual do Rio de Janeiro no III encontro nacional “O Insólito como questão na narrativa ficcional” com a apresentação em simpósio aberto do trabalho: “O diabo como manifestação do fantástico no conto “o Jovem Goodman Brown””, onde foi traçada uma história do Diabo vista sob o ângulo da fé cristã.

Problematizamos a questão gênero no II Simpósio Nacional Gênero e interdisciplinaridade através da apresentação em comunicação do trabalho: “Mulheres e corpos marcados: uma leitura dos contos “A sombra” e “A marca de nascença””. Embora não tivéssemos trazido especificamente a questão da demonolatria, não deixamos de abordar indiretamente a questão dado a recorrente ligação do feminino com o diabólico. Os dois contos têm a mesma temática que tece ambos: apresentam os experimentos da ciência em “cobaias humanas”, além da manipulação científica feita por dois homens nos corpos de suas esposas o que, numa leitura mais aprofundada, sugere questões bastante atuais, como violência entre cônjuges, submissão feminina e agressão corporal.

Destaque para a apresentação de comunicação no II SINALEL (Simpósio Nacional de Letras de Linguística) promovido pelo curso de Letras do campus Catalão, que acontece entre os dias 07 a 10 de junho. Nesta comunicação será analisado o conto do escritor americano Edgar Allan Poe, “Nunca aposte sua cabeça com o diabo” (1841) a partir de um cruzamento entre duas abordagens: a demonolatria e a presença do fantástico na literatura.

Os resultados do projeto desenvolvido apontaram questões importantes sobre a representação do Diabo na literatura em outras esferas além da graduação, visto ser este um tema que ainda conta com poucos estudos na área de Letras levando-se em conta as diferentes possibilidades de abordagem.

## DISCUSSÃO

As variadas denominações do Diabo no meio popular revelam sua natureza dissimulada e camuflada. Ser de muitas faces, “O-que-nunca-ri”, nas palavras do narrador Riobaldo em *Grande sertão: veredas* (ROSA, 2001, p. 55), tem acompanhado a humanidade desde os primórdios do Cristianismo, incorporando ao longo dos séculos a tradição hebraica, além das crenças e divindades de outros povos que cruzaram o caminho dessa religião. Mas quem é esse personagem? Como o seu desenvolvimento enquanto produto histórico se articula com a evolução do Ocidente cristão? Quais fatores influenciaram a construção da sua representação? Como ele se apresenta na Literatura?

Falar do Diabo é promover um discurso multívoco na qual religião, história, política, folclore e arte se misturam na criação que um ser que desafia definições simplistas. Este fato encontra sua expressão na análise dos nomes reservados ao adversário de Deus nos livros que compõem o Antigo e o Novo Testamento. O termo “Satã”, por exemplo, como relata Carlos Roberto F. Nogueira em *O Diabo no imaginário cristão* (2000) faz sua estréia no Livro de Jó não como um sujeito, mas como um substantivo precedido pelo artigo “o”, designando a função exercida por um anjo nos eventos relatados neste evangelho. “O satã” (do hebraico, *Shai`tan*, adversário que acusa) é apresentado em Jó 1:6 como um dos filhos de Deus que coloca em xeque o comportamento de Jó em relação ao Todo Poderoso. O Criador incube-o então de colocar a fé de Jó a prova. Verifica-se neste ponto que, ainda que Satã seja o responsável por todos os males que se abatem sobre Jó, ele ainda é um anjo que cumpre as ordens de Deus.

Gradualmente, porém, o convívio dos judeus com diversos povos em decorrência principalmente do Cativo da Babilônia no século VI a.C. (SCHEINDLIN, 2004, p. 49) trouxe como consequência o contato com as crenças de outras tribos, incluindo neste quadro a visão sobre entidades divinas e semi-divinas. Neste cenário, chama a atenção como desde o começo do delineamento de sua natureza o Diabo se coloca como uma forma inconsciente de se pensar a sociedade através do espelho do Além, em um jogo especular onde o desconhecido é fonte de medo e encontra sua forma no Outro. Tal processo pode ser observado nos diversos nomes que a cultura popular e mesmo a erudita tomou como sinônimo de Diabo.

“Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos;” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 201). O dragão como símbolo do demônio em Apocalipse 12:7 tem sua origem no mito babilônico da criação, no

qual a serpente se liga ao caos primordial da origem do mundo e não a ação do Mal, como seria assimilado pela literatura hebraica e, posteriormente, pelo Cristianismo. Outro elemento de destaque é a ancestral ligação do Dragão/Serpente com a mulher devido a correlação da troca da pele do réptil como sinal de uma nova existência com a capacidade feminina de gerar vida. Em algumas variações de narrativas do folclore judaico, por exemplo, Lilith, a primeira mulher de Adão, toma a forma da serpente bíblica que tentou Eva no Éden. Dois pontos devem ser observados nesta leitura: primeiro, a transformação do papel de Satã de acusador, como apresentado no Livro de Jó, para tentador. Esta nova configuração foi decorrência da tradução de *Satan* para o grego *Diábolos* (tentador), estabelecendo, desta forma, o caráter maléfico do anjo caído que levou Eva a transgredir ordens divinas. Segundo, a apresentação de Lilith como o Diabo revela a natureza andrógina do demônio, promovendo a idéia de que esta criatura poderia se apresentar tanto como homem quanto como mulher. Em ambos os casos é clara a associação do feminino com o demoníaco, estimulada principalmente pelos escritos dos primeiros pensadores cristãos, como Tertuliano no século III:

[...] Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano [...]. Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocastes a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violastes a lei divina” (*Apud DELUMEAU, 1989, p. 316*).

Outra divindade feminina que se tornou uma das representações do demônio judaico-cristão é Astaroth. Originalmente cultuado na Mesopotâmia como a deusa lunar Ishtar, Astaroth vem, ao lado de Hécate, Shiva, Ísis e Diana, promover a ligação da lua e da mulher com o caos, o instintivo e o maléfico (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1997, p. 564). Esta postura ideológica da mulher como uma acolita do Diabo, estabelecida pelo Judaísmo, ganhou força ao longo da Idade Média devido a Igreja Católica, sendo assimilada gradualmente pela cultura popular e, como foi analisado na pesquisa, pela Literatura, deixando um legado que pode ser percebido em diferentes expressões literárias, como na Literatura de Cordel.

O medo do Outro também está por trás de outro termo comumente usado para falar de Satã: Belzebu. Derivado de *Baal-Zeboub*, o “deus das moscas”, em hebraico, este deus filisteu da fecundidade e das forças instintivas foi duramente atacado pelos profetas judeus por ser uma das principais divindades que rivalizavam com Javé. Com o passar do tempo Belzebu se tornou o príncipe dos demônios (Mateus 12:24 e Lucas 11:15). A xenofobia explica do mesmo modo o termo “Lúcifer” (do latim, “o portador da luz”), presente em Isaias 14:12. É interessante observar que esse nome poético que designava Vênus, a estrela da manhã, servia também para nomear Jesus nos primeiros tempos do Cristianismo. Semelhante ao uso de

“satã” no Livro de Jó, a palavra “lúcifer” aparece na Bíblia não para nomear um sujeito, mas, neste caso, para descrever os excessos de um rei caldeu, inimigo de Israel: “Como caíste do céu, ó lúcifer, estrela da manhã?” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 201).

Satã, Leviatã, Astaroth, Belzebu, Lúcifer. Independente do seu nome a alteridade marca a identidade do Diabo. Incorporando os nomes de deuses e deusas estrangeiros, o Diabo judaico-cristão começou a tomar forma no início da Idade Média. No entanto, sua utilização como um instrumento coercitivo pela Igreja Católica se deu através de um longo processo no qual sua função como objeto de terror foi fragmentada devido à coexistência de Satã com outras entidades do mundo sobrenatural pré-cristão que povoavam a imaginação do medievo, como duendes, trolls e fadas. Como destaca Jean Delumeau em *História do medo no ocidente* (1989):

[...] o Satã dos séculos XI e XII certamente assusta. No entanto, ele e seus acólitos são por vezes tão ridículos ou divertidos quanto terríveis: por isso, tornam-se progressivamente familiares. A hora do grande medo do diabo ainda não chegou (DELUMEAU, 1989, p. 240).

Criado no meio eclesiástico e aceito nos altos círculos dos reinos cristãos, a ideia do Diabo como o Mal absoluto demorou para penetrar nas camadas populares. Além da já mencionada crença em diversos seres fantásticos herdadas do mundo clássico e pagão, contribuiu para este fato a dificuldade dos pensadores da Igreja Católica em produzir uma imagem única sobre Satanás para sua posterior disseminação junto às massas. Comentando sobre este cenário Robert Muchembled observa em *Uma história do Diabo* (2001):

Os próprios teólogos sentiam grande dificuldade em unificar o satanismo, divididos entre as lições do Antigo e do Novo Testamento, e as múltiplas ramificações orientais sobre o tema [...] Precisaram, assim, casar a história da serpente com a do rebelde, do tirano, do tentador, do sedutor concupiscente e do dragão todo-poderoso (MUCHEMBLED, 2001, p. 19).

A multiplicidade de influências a ser levada em conta na unificação da identidade do Diabo, buscada pelo clero, encontrou sua expressão maior na iconografia do anjo caído, onde a alteridade exerceu papel chave. As primeiras representações de Satã davam à criatura a aparência de um belo jovem. Afinal de contas, os artistas não ousavam desfigurar um anjo que Deus havia criado (COUSTÉ, 1996, p. 33). Esta foi a imagem prevalecente até o final do século XII. Os efeitos do Concílio de Latrão em 1215, no entanto, mudaram radicalmente esta realidade e a partir do século XIII se constata uma nova estratégia da religião cristã, expressada na folclorização do demônio judaico-cristão.



A construção de uma imagem unificada do Diabo, conforme tradicionalmente ele se apresenta na cultura de massa do ocidente (cornos, pés fendidos, cauda, pele vermelha enegrecida, barba, odor repugnante) foi o resultado de uma fusão de diversas divindades e criaturas que a ideologia católica imbuíu de natureza demoníaca. Esse foi o caso de Pã. Amplamente cultuado pela população rural da Europa medieval, esse deus grego símbolo da natureza possuía, a semelhança também do deus celta Cernunnos, chifres para expressar os raios de sol e a força agressiva da natureza e as patas cheias de pêlos para expressar a vitalidade da terra, das plantas e dos instintos (CIRLOT, 1984, p. 437). Visando quebrar o culto a essa figura a Igreja Católica se apropriou dos seus traços físicos e do seu comportamento lascivo para dar um rosto ao Diabo. Partilhando o mesmo simbolismo de Pã, o bode também se viu demonizado principalmente pelo seu cheiro desagradável. Contribuiu também para essa ligação o conflito do Cristianismo com o mundo islâmico, desde a Primeira Cruzada de 1099, visto que a barba dos muçulmanos era um sinal de sua natureza maléfica, um aspecto capturado pelo conto de fada francês “Barba-Azul”. Quanto à cor, o negro e o vermelho predominaram para enfatizar a negritude da alma do demônio e o fogo do inferno, sendo usado da mesma forma posteriormente para se instituir uma imagem demonizada do negro, como retratado por Monteiro Lobato no conto “Bocatorta” (1921). Também influenciou nessa imagem da negritude do demônio a associação da mulher com a lua e a noite, em oposição ao homem como uma criatura solar. Ao fim do século XVI o Diabo surgiu em sua plena forma.

O resultado de todo esse processo de apropriação e fusão de elementos foi a marginalização de grupos humanos por questões de gênero, etnia, religião, opção sexual e raça, sendo reduzidos a espelhos do arquétipo do Outro do mundo cristão. Uma realidade que a Literatura desde então vem retratando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao se estudar de forma mais profunda o Diabo dentro de estilos de época e vertentes literárias diversas na literatura europeia, norte-americana e, principalmente, brasileira, percebe-se que esta personagem pode ser desconstruída para que se revele a ideologia que a estrutura.

Nossos estudos foram levantados considerando-se a demonolatria vista sob a questão da alteridade, porém outras tantas leituras poderiam ser feitas levando-se em consideração a

presença do Diabo na literatura, que renderiam trabalhos com outros focos porém não menos fascinantes, visto que esta personagem suscita diferentes questionamentos por parte dos leitores. São não suscita indiferença. Portanto, o trabalho aqui apresentado se coloca como uma proposta inicial para estudos mais aprofundados sobre demonolatria e suas repercussões na literatura

Desta forma, a pesquisa desenvolveu instrumentos de compreensão do jogo ideológico que cerca certos estereótipos de grupos minoritários presentes ao longo dos séculos na literatura. Essa possibilidade se formaliza neste projeto através da figura do Diabo, uma personagem que diversos autores utilizam não apenas para demonstrar suas críticas e opiniões a respeito de como o ser humano lida com seu semelhante, mas também para denunciar como a humanidade trata suas vítimas com discriminação, segregação e perseguição.

E assim a Literatura cumpre um de seus papéis ao possibilitar um questionamento de determinadas ações discriminatórias na esfera individual e social por meio da personagem do Diabo através de leituras de textos que trazem esta temática.

## REFERÊNCIAS

BAKER, Robert S. *Brave New World: History, Science and Dystopia*. Boston: Twayne Publishers, 1990.

BOOKER, M. Keith. *The Dystopian Impulse in Modern Literature*. London: Greenwood Press, 1994.

BOTTING, Fred. *Gothic*. London: Routledge, 1997. (The New Critical Idiom)

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Editora Itatiaia, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978 (Coleção Documentos Brasileiros v. 186).

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, et al. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. 3ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do Diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças (Org.) *Arte e artifício: manobras de fim de século*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2002.

- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Trad. Eugênio Michel da Silva. São Paulo: EditoraUnesp, 1998.
- KILGOUR, Maggie. *The Rise of the Gothic Novel*. New York: Routledge, 1997.
- LINDAHL, Carl, MCNAMARA, John, LINDOW, John. *Medieval Folklore: a Guide to Myths, Legends, Tales, Beliefs, and Customs*. New York: Oxford University Press, 2002.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo: século XII – XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- MULVEY-ROBERTS, Marie. (Ed.). *The Handbook to Gothic Literature*. New York: NY University Press, 1998.
- MOYLAN, Tom. *Scraps of the Untainted Sky*. Colorado: Westview Press, 2000.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC, 2000. (Coleção História).
- RESENDE, Aimara da Cunha. Shakespeare e a cultura popular. In: LEÃO, Liana de Camargo, SANTOS, Marlene Soares dos (Org.). *Shakespeare: sua época e sua obra*. Curitiba: Beatrice, 2008, p. 105-132.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sex, Dissidence and Damnation: Minority Groups in the Middle Ages*. London: Routledge, 1995.
- ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. London: Routledge, 2000. (The New Critical Idiom).
- RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Editora Ática, 1988. – (Série princípios 132)
- SILVA, Alexander Meireles da Silva. As raízes medievais dos vilões de contos de fadas. In: IV ENCONTRO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2005. p. 1-16 (Disponível nos Anais do Encontro)
- TATAR, Maria (ed.). *Contos de fadas*. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 336-338.
- WARNER, Marina. *From the Beast to the Blonde: On Fairy Tales and Their Tellers*. New York: The Noonday Press, 1999.